

**N**A minha 2.ª carta desenhiei a traços largos as correntes que conduzem ao conflito actualmente existente entre o pensamento filosófico científico e a metafísica. Vou-me esforçar, nesta terceira carta, por definir em suas linhas gerais este conflito, independentemente das condições históricas e sociais que nêlo influem. Mas é quasi impossível separar a questão do seu condicionalismo temperamental, tão dominante nela é este condicionalismo caracterológico. Devemos, de resto, considerar o conflito presente, apenas como uma acentuação momentânea de uma opposição formal do pensamento que se verifica em toda a história da humanidade, nítida tanto no pensamento grego como no pensamento hindu, chinês ou qualquer outro; a hegemonia de uma ou outra destas formas é mesmo uma das características fundamentais dos diferentes momentos ou modalidades do pensar nas civilizações:—a Grécia caracteriza-se, em parte, pelo nascimento do espírito científico sistemático; na Índia sempre dominou a especulação metafísica; e o que caracteriza essencialmente a civilização europeia é o desenvolvimento do espírito científico. Mas este desenvolvimento não se faz sem crises e sem que reacções metafísicas mais ou menos intensas apareçam de tempos a tempos. Esta oscillação é mesmo, segundo creio, uma das características mecânicas do desenvolvimento intelectual da humanidade na sua marcha da *étape* pre-lógica e metafísica para a forma mental científica.

O momento actual é, pois, uma acentuação histórica deste movimento. O conflito atingiu de resto uma forma suficientemente definida para se poder dar dêle um desenho, em rápido esboço.

A Metafísica renovou recentemente as suas velhas pretensões de dignidade superior às ciências, consideradas como qualquer coisa de filosoficamente inferior. Pretende para si um uposto «plano superior» «mais elevado ou profundo», de conhecimentos e de objectos. É uma ambição antiga, já dos tempos da velha Grécia, que aparece nos tempos modernos em Kant, e depois, mais perto de nós, em Boutroux, Bergson e seus adeptos, para se continuar nos tempos actuais com vários metafísicos, particularmente alemães. São disso exponenciais típicos O. Spann e Heidegger, que deitam fallas dêste teor (1924, 1929):

«Não estou de nenhuma forma convencido nem da validade exclusiva dos processos matemáticos, baseados na quantidade, nem da impossibilidade de um método diverso do das ciências exactas. Penso, pelo contrário, que se deveria prestar aos processos científicos actuais uma parte considerável de filosofia natural, à maneira de Schelling, de Baader, de Hegel, de Oken, de Steffens, de Eschermayer, de Karl Ernst von Baer, e de muitos outros grandes investigadores. Não é senão por êsses meios que as ciências poderiam, em toda a verdade, atingir a essência das coisas».

Assim falla Spann, enquanto Heidegger, por seu turno, pontifica: «É simplesmente ridículo falar de objectividade da ciência e da sua superioridade enquanto ella não consentir em tomar o Nada a sério. É evidente que é porque o Nada existe que a Ciência pode fazer do Ser o seu objecto. É sómente porque a Ciência repousa sobre a metafísica que ella pode desempenhar com forças sempre novas a sua tarefa mais essencial que não é colleccionar e pôr em ordem os conhecimentos, mas reunir em uma síntese, sempre mais vasta, toda a verdade esparsa na natureza e na história. É por isso que o rigor da ciência não consegue atingir a seriedade (!) da Metafísica e que não se poderá jámais medir a filosofia pelo estalão da ideia científica».

Assim, como diz Ph. Frank (Le principe de causalité et ses limites. Trad. Grévidan, 1937, Flammarion), «na Idade Média a filosofia era a serva da teologia; hoje quere, por vezes, fazer da ciência serva da filosofia. A antiga serva, enfatuada com sua nova grandeza, põe-se à procura de criados para realizar a tarefa quotidiana, que julga muito abaixo da sua dignidade».

Esta retórica pretenciosa não faz mais do que repetir as pretensões análogas dos Boutroux, dos Bergson e outros filosofistas, igualmente obcecados pela megalomania metafísica. Esta exaspera-se por vezes, o que conduz os metafísicos e filosofistas a ataques directos, polémicos, agressivos, contra a ciência e o pensamento científico, e mesmo contra os chamados homens de ciência. Tais agressões surgem, por vezes, no próprio campo da ciência, onde não são raros os metafísicos disfarçados, inconscientes, impregnados de filosofismo, ou os místicos ingênuos que se deixam ir ao sabor

d e A B E L

dos fluxos e refluxos de momento.

Mas sempre, em todos os tempos, altos espíritos ergueram seus protestos contra estas ridículas pretensões: bastará aqui citar a attitude de muitos filósofos gregos na defesa de uma attitude verdadeiramente científica contra a attitude animístico-teológica de Platão e Aristóteles, que se renova em nossos dias.

É particularmente interessante recordar a attitude de Nietzsche—que sabia ser alternadamente pensador e poeta sem confundir as duas coisas—o qual já assim falava da «psicologia da metafísica»: «O mundo é aparente, logo existe um mundo real; cheio de contradicções, logo há um mundo sem contradicções... O que dita todas estas conclusões é o sofrimento; no fundo, deseja-se que haja um mundo real em que as coisas sejam diversas. Por ódio a um mundo que faz sofrer, imagina-se um outro e é assim que o ressentimento do metafísico contra o real se torna criador». É exactamente êste o ponto de vista actual da ciência e da psicologia a-propósito da metafísica, e Nietzsche não faz mais, nestas frases, do que dar uma explicação autística da metafísica. Mas vai mais longe ainda e afirma que «o mundo verdadeiro poderá ser o que se queira, mas é facto que não temos para êle nenhum órgão de conhecimento apropriado», attitude quasi análoga à da actual Escola de Viena. Frank comenta esta frase dizendo que poderemos mesmo perguntar por meio de que órgão do conhecimento pode ser apreendido tal mundo como um dos termos de uma opposição.

Mas Nietzsche vai mais longe ainda, e reconhece a attitude anticientífica dos metafísicos nas frases seguintes:

«Eis o mais extraordinário: desde os seus inícios, encontramos a filosofia grega em guerra contra a ciência e suas armas consistem em uma teoria do conhecimento: o ceticismo. E em proveito de quem trabalha ella?... da moral (pensai no seu ódio contra os físicos e contra os médicos). De resto os físicos chegaram a um estado de decadência tal que introduzem nos fundamentos da ciência uma teoria

da verdade e do ser real... Este combate contra a ciência é dirigido: 1.º—contra o seu patético, a objectividade; 2.º—contra os seus meios (isto é, contra a sua própria possibilidade) e contra os resultados que ella obtem (estes são tratados como infantis). E' o mesmo combate que mais tarde veremos continuar-se sob a égide da Igreja, em nome do pietismo; servirá então todo o arsenal antigo. Ver-se-á aí a teoria do conhecimento desempenhar o mesmo papel que em Kant e nos Hindús. «O que elles odeiam, é a progressão passo a passo, a vontade de não atingir, o esforço continuo que não perde o fôlego e a indiferença pessoal própria do homem de ciência (1).

E Nietzsche acrescenta: «Como é que o filósofo se comporta em face de seus diviões, por exemplo, em face da ciência? Tornase cético; reserva para seu uso pessoal meios de conhecimento especiais que recusa ao homem de ciência. Marcha de mão dada com o padre para não atrair a suspeita de materialismo e ateísmo. Considera todo o ataque dirigido contra elle como um atentado à virtude, à religião e à ordem e, por outro lado, sabe muito bem lançar a suspeita sobre o adversário que trata de seduzir e fomentador de maquinações subterrâneas. Apoiase sobre as potencias do momento...»

Assim fallava Nietzsche; não se pode fazer mais candente condenação do filosofismo metafísico tipo Bergson, Spann ou Heidegger: e a questão foi definida, nas frases citadas, sob o ponto de vista temperamental, epistemológico e moral, por uma forma tal que tais frases têm absoluta applicação a qualquer pretensão metafísica.

Por seu turno, nos tempos de hoje, H. Driesch, um metafísico, —mas neste caso um metafísico honesto e sincero—faz-nos na sua «Metafísica» esta afirmação típica, a saber: «**DEVEMOS CONFESSAR QUE A METAFISICA,**

**ATE' HOJE, NÃO TEM SIDO UMA COISA SERIA.** Não se pode formular mais nítida e insuspeita condenação histórica e moral, porque, se a Metafísica, com séculos e séculos de existência, não tem conseguido até hoje ser uma coisa séria, é bem provável que o não consiga ser jámais: pelo menos não o é ainda hoje, e isto na confissão formal de um dos metafísicos mais categorizados.

A attitude de Driesch tem mesmo um alto significado, porque revela, como veremos, a necessidade temperamental da metafísica em choque e conflito com a sua fallência, facto capital da sua evolução.

Assim, as pretensões e a megalomania do filosofismo, acima exemplificadas com citações típicas de Heidegger e Spann, são estigmatizadas pelos próprios metafísicos honestos, ou por espiritos da penetração de Nietzsche.

Isto, porém, não impede que tais manias se mantenham e sirvam mesmo de motor a toda uma literatura filosofista que continua em dias de hoje: e a razão d'isso são as condições temperamentais, históricas e morais a que já nos referimos.

//

Mas a par e passo que esta retórica pretenciosa peja as páginas dos Bergson, dos Boutroux, dos Spann, Heidegger e tantos outros — pois são legião — a própria evolução das ciências e da filosofia científica veio conduzir as coisas para uma situação singularmente imprevista.

Com effeito, todos os pensadores da grande corrente empirio-lógica contemporânea são unânimes em considerar a Metafísica, baseando-se nos resultados da análise lógica e em outros, não como falsa, não como verdadeira, mas sim como **desprovida de sentido**: attitude competentemente nova na história do pensamento. Carnap, Schlick, Hans Hahn, Reichenbach, Ph. Frank, Heisenberg, Dirac, para não citar senão os mais notáveis e recentes, estão de acôrdo neste ponto; e a elles se juntam Marcel Boll, Rougier e outros, a par e passo que o movimento empirio-lógico se internacionaliza e adquire um carácter histórico. (Ver a este respeito o trabalho de Carnap: **Scheine probleme der Philosophie**, Os pseudo-problemas da Filosofia).

Heisenberg, por exemplo, uma das figuras dominantes do pensamento contemporâneo e um dos fundadores da mecânica quântica, assim se exprime: «E' preciso bem penetrar o seguinte: e é que a linguagem humana permite, de uma maneira geral, construir frases das quais é impossível tirar qualquer consequência, e que são inteiramente vãs de conteúdo; estas frases, no entanto, evocam imagens de um género especial. Por exemplo, se se diz que, além do nosso mundo, há um outro mundo com o qual não é possível por-mo-nos em relações, é isso uma afirmação que não comporta nenhuma seqüência, e que no entanto evoca certas representações em nossa imaginação. Evidentemente, uma afirmação como esta não pode ser provada nem refutada. Devemos, pois, ser muito prudentes no emprego de termos tais como: «mundo verdadeiro», porque se é conduzido muito facilmente por elles a servirmo-nos de enunciados análogos aquêles de que acabamos de falar».

Dirac, outro dos eminentes fundadores da mecânica quântica, exprime-se da mesma maneira e o mesmo faz, sensivelmente, o illustre Schrödinger, o fundador da mecânica ondulatória. Assim, de Mach aos tempos de hoje, passando por Wittgenstein, a opinião filosófica neo-positivista condenou formalmente o **real transcendente**, o **noumeno**, a **coisa em si**, o **real absoluto**, o **mundo verdadeiro**, ou como se lhe queira chamar, definindo esta condenação não com uma afirmação ou negação da realidade, mas como uma falta de sentido lógico, uma **FALTA DE CONTEUDO**: as afirmações ou negações do real absoluto são simples alinhamentos de palavras.

Isto é capital; marca uma era filosófica, como a marcou a criação do Noumeno Kantiano; não podemos, porém, desenvolver esta questão aqui, enviando os leitores para os trabalhos de Carnap (in «Actualités Scient.» e «Erkenntnis»), de Schlick (Idem) e para os artigos do «Erkenntnis», de Marcell Boll, de Rougier, etc. Pode ainda o leitor informar-se amplamente sobre o assunto consultando o livro recente e magnífico de Ph. Frank, «Le Principe de causalité et ses limites», Cap. VII, intitulado «Du monde prétendu vrai», cujos parágrafos seguintes: «Le réel et l'apparent», «Que signifient en physique les expressions réel et apparent», «Quel est le sens du monde vrai», etc., etc., em número de 21, são capitais e absolutamente actualizados.

(1) E' a preguiça mental confessada pelo próprio Bergson nesta frase: «Esta dissolução dos elementos constitutivos da ideia que val dar à abstracção é muito cômoda para que a dispenseemos na vida ordinária, e mesmo na discussão filosófica.»